**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ – CAMPUS LONDRINA**

**Disciplina:** Pneumatologia

**Prof.:** Dr. Mons.Antonio Luiz Catelan Ferreira

**Acadêmico:** Alfredo Rafael Belinato Barreto

**O ESPÍRITO SANTO, COMUNHÃO DE AMOR[[1]](#footnote-2)**

* **Teologia trinitária tradicional:** “girou com muita freqüência em torno da relação Pai-Filho: o caráter ‘pessoal’ de ambos é mais claro que o do Espírito e suas relações recíprocas aparecem nos nomes próprios” (p. 323).
* As antigas dificuldades acerca da teologia trinitária contribuíram para o relativo “esquecimento” do Espírito Santo no Ocidente. Por outro lado, o interesse pela pneumatologia é um signo da teologia atual (cf. p. 324).
* “Sem o Espírito Santo nem se realiza nem produz seus efeitos em nós a salvação que Cristo nos trouxe” (p. 325).
* “Seguindo de perto o ensinamento do Novo Testamento, a tradição apresentou-nos o Espírito como dom de Deus que é Deus mesmo, o dom por excelência aos homens” (idem).
* “O Espírito Santo como dom, o Espírito Santo como amor foram os dois grandes temas da pneumatologia no Ocidente” (idem).
* Baseando-se na Trindade econômica, a teologia trinitária tradicional deteve-se mais diretamente sobre a relação Pai-Filho. O emprego de nomes próprios, e a maior objetividade identificada nas relações recíprocas entre ambos, contribuíram para tal ênfase. Assim estabeleceu-se a antiga dificuldade que pairou sobre a 3ª Pessoa da Trindade. Esta já era conhecida por autores como Hilário de Poitiers, Gregório Nazianzeno e Basílio Magno. Entretanto, nota-se que já no Novo Testamento o Espírito Santo também é apresentado como sujeito. Além disso, o propósito da teologia atual em interpretar a missão do Espírito em sua comunhão com o Pai e particularmente com a obra salvífica do Filho, abriu perspectivas de superação das antigas dificuldades. Nesse sentido, a pneumatologia redescobre a riqueza de compreender o Espírito como “dom” e “amor”, dois temas já consagrados pela tradição ocidental.

*1. O Espírito Santo como dom*

* No Novo Testamento o Espírito Santo já é apresentado como dom (cf. At 2,38; 8,20; 10,45; 11,17; Hb 6,4; Jo 4,10). Em seu conjunto, a literatura neotestamentária justifica essa noção pneumatológica adotada pela tradição teológica (cf. p. 325-326).
* “O dom do Espírito é um dom constante, é expressão da perenidade da ação salvadora de Deus realizada de uma vez para sempre em Cristo, mas que o Espírito Santo constantemente universaliza, atualiza e interioriza” (p. 326).
* “Deus nos ama e esse amor é realidade em nós pelo dom de seu Espírito no interior de nossos corações. Do dom de Jesus realizado de uma vez para sempre vem o perene dom do Espírito aos corações dos homens” (idem).
* Agostinho faz da noção de dom “o nome pessoal do Espírito Santo quando busca um nome relativo como os de Pai e de Filho” (p. 327).
* “A relação do Espírito com o dom de Cristo ressuscitado é constante na tradição”. Ilustrativa é a asserção de Santo Irineu. Segundo ele “em sua aparição histórico-salvífica: o Espírito é ‘communicatio Christi’” (cf. idem).
* “A pneumatologia cristã quer a todo momento salvar a unidade da história da salvação, e por isso contempla o Espírito como unido a Cristo e à sua obra” (p. 328).
* “A consideração do Espírito como dom do Pai e do Filho mostra a unidade da Trindade, já que assim se garante a unidade da economia salvífica” (p. 329).
* As raízes da consideração do Espírito Santo como dom estão na tradição neotestamentária. A tradição posterior a adotou, aprofundando e explicitando seu significado. Contemplar o Espírito sob a noção de dom é afirmar igualmente que nele a própria divindade é oferecida ao ser humano. Deus “sai de si mesmo”, a fim de estabelecer comunicação com a humanidade. Portanto, a noção de dom acena para a Trindade imanente, enquanto é Deus em si mesmo que se dá. Aponta também para a Trindade econômica, enquanto manifesta os efeitos de tal doação na história. Deste modo, o Espírito garante a unidade da história da salvação, e intimamente ligado à obra do Filho, faz sentir seus efeitos na vida da Igreja. Pneumatologia e cristologia se entrelaçam, pois, repetindo a definição de Santo Irineu, na história salvífica o Espírito é “communicatio Christi”.

*“Dom”, nome pessoal do Espírito Santo*

* Ser doável, isto é, ter aptidão para ser dado é propriedade intrínseca ao ser divino do Espírito Santo. Assim compreendem Agostinho e Tomás de Aquino (cf. p. 330-331).
* Segundo Tomás, a noção de dom aplicada ao Espírito pressupõe dupla referência: àquele que dá e àquele a quem é dado (cf. 331).
* Enquanto origem o Espírito é dom do Pai e do Filho, porém eternamente distinto deles. Tomás acrescenta que, embora dom de ambos, o Espírito “também dá-se a si mesmo enquanto é dono de si e poderoso para usar, ou melhor, gozar de si mesmo” (cf. idem).
* “Procedendo o Espírito Santo, segundo Sto. Tomás pela via do amor, mais ainda, sendo o amor mesmo, segundo a expressão agostiniana, procede como o dom primeiro” (p. 332).
* “A capacidade específica de ser dado que é própria do Espírito Santo vem de sua condição de amor” (idem).
* Agostinho e Tomás de Aquino, dois grandes teólogos da Igreja, são unânimes em afirmar a noção de dom como propriedade intrínseca ao ser divino do Espírito Santo. Tomás relaciona tal propriedade do Espírito com sua condição de amor. Procedendo pela via do amor, o Espírito é o dom por excelência e primeiro. A reflexão do Doutor Angélico chama novamente a atenção para a dimensão histórico-salvífica do Espírito. O dom enquanto referência àquele que o dá diz respeito à Trindade imanente, ao passo que em referência ao destinatário versa sobre a economia divina manifestada na história da salvação. Nessa revelação histórica do Espírito, torna-se conhecida sua distinção em relação às pessoas do Pai e do Filho. Com isso, Tomás não hesita em afirmar igualmente seu papel ativo na doação.

*O Espírito Santo como dom no crente e na Igreja*

* A graça de Deus no homem está ligada, de modo especial, à pessoa do Espírito Santo (cf. p. 333).
* A presença do Espírito Santo na criação, como transbordamento do amor de Deus está relacionada à participação da criatura no ser e na vida de Deus. Tal participação tem seu grau máximo “na participação da própria vida divina na graça” (cf. idem).
* No Novo Testamento o derramamento do Espírito Santo à Igreja marca o início da nova criação rumo à plenitude (cf. idem).
* “Pelo Espírito, a salvação que Jesus nos trouxe torna-se realidade em cada um de nós” (p. 334).
* “O Espírito é também dom à Igreja, corpo de Cristo, sobre o qual o Espírito Santo repousou” (idem).
* Na economia salvífica o Espírito Santo concretiza na vida dos crentes o evento da redenção. Isso se dá, porque mediante ele o ser humano e a Igreja inteira são inseridos no mistério da graça divina. Em sua relação com a obra do Filho, o Espírito promove a participação do ser humano redimido, na graça que é penhor da redenção. Trata-se do transbordamento do amor de Deus que atinge a criatura, elevando-a a altíssima dignidade de participar em Deus mesmo. A tradição neotestamentária apresenta o Espírito como dom derramado sobre a Igreja. Tem-se assim a relação entre pneumatologia e eclesiologia. A Igreja é imagem do novo povo de Deus; também o Espírito derramado sobre ela aponta para a plenitude escatológica, onde a criação, restaurada pelo mistério redentor e animada pelo dom do Espírito, marcha ininterruptamente, até o dia em que “Deus será tudo em todos” (1Cor 15,28). É necessário recordar que, a relação entre Espírito e Igreja radica-se em última instância na relação entre Cristo e o Espírito. Por isso, é coerente afirmar que o Espírito que pairou sobre a cabeça (Jesus), foi igualmente derramado sobre os membros do corpo que é a Igreja. A Igreja é ambiente natural da ação do Espírito Santo. Com efeito, ele garante que ela conserve prudentemente a unidade entre a tradição recebida e a perspectiva da novidade futura que se anuncia. É o Espírito quem a plenifica, santifica, unifica, dirige, enriquece, aperfeiçoa e vitaliza.

*O Espírito como amor do Pai e do Filho*

* **O Espírito Santo é do Pai e do Filho:** ponto de partida da reflexão do Espírito Santo como amor (cf. p. 335).
* **Rm 5,5:** apresenta explicitamente a relação entre o Espírito e o amor (cf. idem).
* A noção de amor aplicada ao Espírito sinaliza e garante a unidade entre os cristãos entre si e com Deus (cf. idem).
* A ressurreição e a doação do Espírito por parte do Pai e do Filho corroboram a unidade dos dois (p. 336).
* Enquanto amor o Espírito Santo aparece como vínculo de união entre:

1. Deus e os homens.
2. Os homens entre si.
3. Pai e Filho.

* A aplicação da noção de amor ao Espírito Santo requer primeiramente que se considerem as relações pessoais entre Pai e Filho. Rm 5,5 esclarece que o amor derramado nos corações humanos é de Deus. A habitação do Espírito Santo é a via mediante a qual o homem é tocado por esse amor. Portanto, há relação de causalidade entre a presença do Espírito e a efusão do amor na vida da humanidade. Interpretando a noção de amor aplicada ao Espírito sob o prisma das relações Pai-Filho, infere-se igualmente que no Espírito reside o vínculo de unidade entre ambos. Ressurreição e doação do Espírito, nas quais a Trindade imanente dá-se a conhecer na economia salvífica, corroboram a unidade entre Pai e Filho no Espírito. Da vida intradivina, é necessário contemplar também o amor (Espírito) em sua missão na história humana. Expressão privilegiada dessa missão é a promoção da união entre Deus e os homens, bem como a unidade dos homens entre si.

*O Espírito Santo como amor na tradição*

* Agostinho desenvolveu a doutrina sobre a aplicação da noção de amor ao Espírito. No entanto, é possível identificar seus precedentes em Mário Vitorino, Hilário de Poitiers e Ambrósio de Milão (cf. p. 337).
* O Espírito Santo é amor em que se unem o Pai e o Filho. Tal união não se dá por um princípio exterior, mas “pelo dom deles mesmos” (cf. idem).
* “O Espírito Santo é a caridade pela qual se amam o Pai e o Filho, porque é o dom dos dois” (p. 338).
* Agostinho elabora sua doutrina do Espírito Santo como amor por duas vias:

1. Analogia psicológica.
2. Analogia do amor interpessoal (cf. p. 338).

* A analogia interpessoal foi posteriormente desenvolvida por Ricardo de São Vítor. Para ele, o Espírito “é contemplado como o destinatário do amor que o Filho recebe do Pai e que, juntamente com esse, dá por sua vez” (p. 338).
* Boaventura está nas pegadas de Ricardo. Para o Doutor Seráfico “amor e dom significam a mesma realidade, embora sob aspectos diversos” (p. idem).
* Tomás “fala dos dois nomes do Espírito Santo: amor e dom”. Para ele o amor devia ser entendido como procedência e nexo do Pai e do Filho (cf. p. 339).
* A tradição recolheu e desenvolveu as evidências neotestamentárias a respeito do Espírito como amor. Por isso, ao lhe aplicar tal noção os autores basearam-se sempre na unidade entre Pai e Filho. Essa forma de abordar a questão salvaguarda a unidade da Trindade, pois o amor não é entendido como algo externo, assimilado por Deus à vida intradivina. O amor no qual se unem Pai e Filho é dom deles mesmos, isto é, integra seu ser em si. Deste modo, resulta evidente a proximidade entre as noções de amor e dom, conforme atestam os autores medievais supracitados. Na vida divina o Espírito é o amor no qual se dão as relações Pai-Filho, mas é igualmente o dom manifestado na economia salvífica.

*O Magistério e a reflexão teológica contemporânea*

* “A idéia do Espírito Santo como amor esteve muito presente – e ainda continua – na teologia ocidental” (p. 340).
* João Paulo II, na encíclica *Dominum et Vivificantem* (n. 10,22,23) desenvolve a noção de amor aplicada ao Espírito. Relaciona o Espírito como amor na vida íntima de Deus e como dádiva às criaturas (10), sua condição de pessoa-dom (22) e sua nova doação no mistério pascal (23) (cf. idem).
* Amor e dom, nomes pessoais aplicados ao Espírito sublinham duas características inseparáveis de sua pessoa:

1. “Amor que constitui a vida divina”.
2. “Máxima expressão da comunicação divina em direção à criatura” (p. 341).

* “O Espírito Santo fecha e arredonda assim o círculo do ser de Deus como amor, uma palavra em que se pode resumir tudo o que constitui a vida divina” (p. 341).
* “O Espírito Santo sela a união do Pai e do Filho enquanto é distinto deles, enquanto o amor dos dois produz o ‘fruto’ da terceira pessoa e assim se converte na expressão do amor mesmo” (p. 342).
* “A relação Pai-Filho não se entende senão é nesse amor que tem no Espírito Santo ao mesmo tempo sua expressão e seu fruto” (idem).
* As perspectivas diversas através das quais Oriente e Ocidente compreenderam o transbordamento da unidade entre Pai e Filho, não são incompatíveis. São complementares, pois ambas possuem fundamento na tradição teológica (cf. p. 343).
* “Ao ter como próprios os nomes que não lhe convêm exclusivamente, o Espírito Santo manifesta o profundo mistério do ser divino, precisamente por tornar possível que os homens entrem em comunhão com Deus” (idem).
* A noção de amor aplicada ao Espírito Santo continua em pauta na pneumatologia do Magistério e da teologia contemporânea. Assevera-se que a união entre Pai e Filho no Espírito, é imagem da unidade que este opera na Igreja. João Paulo II, na encíclica *Dominum et Vivificantem*, chama a atenção para a categoria de amor-dom aplicada ao Espírito, avançando a reflexão até qualificá-lo como pessoa-dom. De acordo com o Papa, no mistério pascal, o Espírito é plenamente revelado, enquanto amor eterno que é doado de modo novo à humanidade. Portanto, contemplando o Espírito sob a condição de pessoa-dom, João Paulo II o situa na vida intradivina, sem descurar de sua missão histórico-salvífica. Assim se entende que “amor” e “dom” emergem como duas características inseparáveis da pessoa do Espírito. Ele plenifica a relação Pai-Filho, pois como vínculo de unidade entre ambos promove a divina comunicação no amor. Outro aspecto marcante da pneumatologia contemporânea é a esforço em sublinhar os elementos comuns entre a tradição oriental e ocidental.

*3. A processão do Espírito Santo*

*A processão do Espírito no Oriente e no Ocidente*

***Teologia oriental:***

* **Jo 15,26:** texto fundante sobre o qual se apoiou toda a tradição acerca da processão do Espírito (cf. p. 344).
* Tradicionalmente, professou-se que o Espírito procede do Pai, porém, mediante a doação, o Filho também participa da processão. Assim a ênfase repousava sobre a economia salvífica. Embora com algumas variações, nessa direção seguem as afirmações de Orígenes, Tertuliano, Atanásio e Basílio (cf. 345-346).
* Gregório Nazianzeno é quem aplica ao Espírito o termo técnico “processão”, “mas a pessoa de quem procede é o Pai” (cf. p. 346).
* “A ‘processão’ permite determinar a propriedade do Espírito em relação com as outras pessoas divinas: o Espírito Santo não é ingênito, nem tampouco gerado” (idem).
* De acordo com o pensamento de Gregório Nazianzeno, “o Espírito procede do Pai, a intervenção do Filho não se exclui, mas permanece em certo âmbito de indeterminação” (p. 347).
* Opondo-se a Nestório, Cirilo de Alexandria passará da economia para a Trindade imanente. Visando salvaguardar a unidade da pessoa de Jesus, em determinadas passagens o patriarca alexandrino apresentará o “Espírito como próprio do Filho, que é dele e que dele recebe” (cf. idem).
* Ponderando a pneumatologia de Cirilo, nota-se que sua intenção é “fazer ver que o Espírito Santo está unido à essência divina e é Deus como o Pai e o Filho”. No entanto, “a fonte última de que provém o Espírito é o Pai” (cf. idem).
* João Damasceno, preocupando-se em sublinhar a unidade divina propõe que “o Espírito vem só do Pai, só ele pode ser chamado ‘causa’ do Espírito, mas é o Espírito do Filho, não porque saia dele, mas porque vem por ele do Pai”. Nesse sentido, “vê a processão imanente e o dom do Espírito em íntima relação” (p. 348).

***Teologia ocidental:***

* Embora com certa dificuldade, é possível reconhecer em Ambrósio “o primeiro a afirmar que o Espírito procede do Pai e do Filho” (p. 348-349).
* Partindo de Agostinho, a teologia ocidental começou “a afirmar a processão a partir das duas primeiras pessoas” (p. 349).
* Agostinho observou cuidadosamente que, “embora o Espírito Santo proceda dos dois, vem *principaliter* do Pai, porque, se procede também do Filho, é porque o Pai deu ao Filho essa possibilidade” (idem).
* No *Filioque* a associação do Pai e do Filho na processão do Espírito assevera a comunhão e consubstancialidade entre Pai e Filho (cf. idem).
* Em Santo Tomás de Aquino a teologia da processão está baseada no nome da terceira pessoa da Trindade. **Sinteticamente:** “se essa pessoa procede por meio do amor, pelo qual Deus é amado, ‘de modo conveniente é chamado Espírito Santo (cf. *STh* I 36,1)’” (p. 350).
* Em Tomás “a doutrina da processão do Espírito Santo por via do amor leva a mesma conclusão: o amor procede do verbo, porque não podemos amar uma coisa senão enquanto a apreendemos pela concepção da mente (cf. *STh* I 36,2)” (idem).
* O Aquinate professa também a unidade do Pai e do Filho enquanto princípio do Espírito Santo, porque nessa condição comum de princípio não se opõem relativamente (cf. p. 351).
* Divergências e congruências podem ser identificadas entre Oriente e Ocidente no tangente à pneumatologia. De forma geral, a tradição oriental asseverou a pessoa do Pai como princípio absoluto do Espírito Santo. Além disso, os Padres orientais interpretaram a processão do Espírito sob o prisma de sua revelação histórico salvífica. Ainda que nos embates anti-heréticos tenha se voltado para a dimensão imanente da Trindade, como é o caso de Cirilo de Jerusalém, este paradigma de análise fará fortuna na teologia ocidental. Historicamente a pneumatologia oriental precede a tradição ocidental. No entanto, esta deu maior ênfase à Trindade imanente em sua discussão sobre a processão do Espírito. O Pai será confirmado como princípio excelente do Espírito Santo. Entretanto, apoiando-se nas relações Pai-Filho e na cristologia, os Padres ocidentais não hesitarão em afirmar a participação do Filho na processão do Espírito. Nesse sentido reaparece a importância da noção de amor; por concessão do Pai o Filho participa da processão do Espírito no âmbito da comunhão que os une.

*O Filioque nos Símbolos e no Magistério*

* Desde o Símbolo *Quicumque* (430-450) o *Filioque* foi professado por diversos Concílios, Sínodos e documentos papais. Também a liturgia latina o admitiu, quando em 1014 o Credo, contendo o *Filioque* foi incluído na celebração da Missa ocidental (cf. p. 353).
* No Oriente pode-se identificar certa resistência ao *Filioque*, conforme atestam sua omissão pelo II Concílio de Nicéia (787) e a pneumatologia do patriarca Fócio, que o negava radicalmente (cf. idem).
* Tentativas infecundas de superação das divergências entre Oriente e Ocidente encontram-se nos concílio de Lião (1274) e de Florença (1439-1445). Com efeito, o *background* da definição de Florença é a doutrina do *principaliter* de Agostinho (cf. p. 355).
* Oriente e Ocidente apresentam diferenças consideráveis em relação a diversos aspectos da teologia. Isso é igualmente marcante na pneumatologia. Com efeito, as consequências históricas do *Filioque* revelam as proporções que as divergências teológicas atingiram no seio de ambas as tradições. Cumpre observar, que uma vez bem entendidas, as proposições discordantes podem ser harmonizadas segundo eixos teológicos comuns de compreensão, ainda que no Ocidente tenha predominado a pneumatologia de matriz agostiniana.

*A questão na atualidade*

* “A tendência da teologia católica é antes ressaltar a compatibilidade e a complementaridade das fórmulas oriental e ocidental” (p. 356).
* A atual tentativa de conciliação não está aquém de mal entendidos, sobretudo no que diz respeito à má compreensão da relação entre o *ekporeusis* grego e a *processio* dos latinos (cf. idem).
* **Interpretação “ecumênica” do Símbolo de Constantinopla:** “‘pelo Filho’ é uma explicação do símbolo que não tem porque ser contrária a ele, como também o *Filioque* não tem que ser contrário à monarquia do Pai, fonte de toda a Trindade, única origem do Filho e do Espírito Santo” (idem).
* **Pontifício Conselho para a Unidade dos Cristãos:** em declaração de 13 de setembro de 1955 salvaguardou o caráter trinitário das relações intradivinas. Portanto, “do mesmo modo que o Pai é caracterizado como Pai pelo Filho que ele gera, o Espírito, que tem sua origem do Pai, caracteriza em modo trinitário o Filho em sua relação com o Pai” (p. 357).
* “A relação Pai-Filho não pode ser considerada com independência do Espírito, o dom mútuo de amor em que se unem e se amam” (idem).
* “A cristologia e a pneumatologia nunca podem ser separadas. Portanto, a reflexão sobre o *Filioque* abre uma série de perspectivas que não se esgotam na doutrina trinitária” (p. 360).
* A atual busca por harmonização doutrinária em relação à questão pneumatológica denota o empenho ecumênico desempenhado pela Igreja nos últimos decênios. Como no passado, tal propósito não está imune de mal entendidos e incompreensões. Isso se dá particularmente no que diz respeito ao significado preciso e original dos termos empregados pelas diferentes tradições em sua pneumatologia. É necessário esclarecer a congruência subjacente às afirmações dogmáticas. Nesse sentido, o elo comum consiste na afirmação do caráter trinitário das relações intradivinas. O contato sadio entre cristologia e pneumatologia contribuirá, para que a essência da verdade da fé seja confirmada como critério de unidade. Deste modo, se experimentará concretamente os efeitos da noção de amor aplicada ao Espírito. De fato a unidade que ele garante nas relações Pai-Filho refulgirá historicamente também em sua Igreja.

**Referência**

LADARIA, Luis. **O Deus vivo e verdadeiro.** O mistério da Trindade. São Paulo: Loyola, 2005, p. 323-360.

1. LADARIA, Luis. **O Deus vivo e verdadeiro.** O mistério da Trindade. São Paulo: Loyola, 2005, p. 323-360. [↑](#footnote-ref-2)